

JORDÃO DE FREITAS

Dom Bento de Camões

e o

Principe dos Poetas Lusitanos

Edição correcta e muito ampliada
dum artigo publicado no "Diario de Noticias"



Sociedade Typographica Editora

Rua da Alegria, 100 - LISBOA

1917

BRIEF

PQD

0060544



dicta, 24 de Junho de 1920.

22407

Pub.ª Livraria Fúccia, L.ª

em let.

F. Pençion

DOM BENTO DE CAMÕES
E O PRINCIPE DOS POETAS LUSITANOS

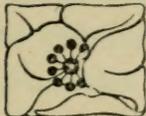
• JORDÃO DE FREITAS

Dom Bento de Camões

e o

Principe dos Poetas Lusitanos

Edição correcta e muito ampliada
dum artigo publicado no "Diario de Noticias"



Sociedade Typographica Editora

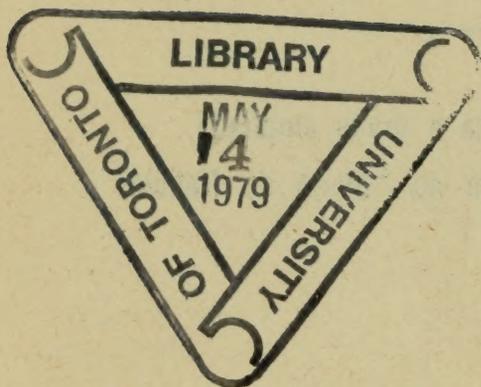
Rua da Alegria, 100 — LISBOA

1917

JORNAL DE LINGUAS

Dom Bento de Camões

Príncipe das Letras Lusitâneas



Composto e impresso nas oficinas da «Sociedade Typographica Editora»
Rua da Alegria, 100 — LISBOA

Dom Bento de Camões

e o

Principe dos Poetas Lusitanos

E', na verdade, de capital importancia e para determinar uma profunda remodelação na biographia do immortal poeta Luis de Camões — no capitulo relativo á adolescencia e á vida escolar ou academica do glorioso auctor dos LUSIADAS — a recente descoberta feita pelo indefesso investigador e mui erudito primeiro conservador da Torre do Tombo sr. Pedro de Azevedo, da qual os leitores do *Diario de Noticias* teem já conhecimento pelo extracto, aqui publicado hoje (1), da ultima sessão da Academia de Sciencias de Lisboa.

Dessa descoberta resalta manifestamente que o chronista Dom Nicolau de Santa Maria, não só baralhou e unificou o Prior Geral e Cancellario Dom Bento (de naturalidade e ascendencia não indicadas, irmão de Fr. Christovam de Abrantes e fallecido em 2 de janeiro de 1547) com o simples conego Dom Bento (natural da ci-

(1) Dia 12 de janeiro de 1917, n.º 18:384 — Reproduzido no final deste opusculo.

dade de Coimbra, “da mais honrada gente della”, irmão de Simão Vaz de Camões — o “muito privado do príncipe”, D. João — e fallecido a 25 de novembro de 1605), mas também attribuiu ao primeiro destes dois frades cruzios o appellido Camões e a mesma ascendencia que Manuel Severim de Faria (“Discursos varios politicos”, Evora, 1624, fl. 92) e outros (1) haviam dado a outro Simão Vaz de Camões, pai do Poeta — confundindo, portanto, também estoutro Simão Vaz com aquelle que é indicado numa das folhas finaes do manuscripto de que é auctor o padre cruzio Dom Gabriel de Santa Maria e a que o sr. Pedro de Azevedo se referiu (2), e dando-nos consequentemente como tio e sobrinho dois individuos (o Prior Geral e o Poeta) entre os quaes não vemos maneira de estabelecer qualquer grau de parentesco, proximo ou remoto.

Uma das conclusões a tirar de tal descoberta é que, a ter o Poeta vivido em Coimbra — até 1542, segundo o visconde de Juromenha e o sr. dr. Theophilo Braga, ou até 1544, ou mesmo 1545, conforme outros auctores — essa residencia decorreu antes de Dom Bento de Camões, irmão do “muito privado do príncipe”, D. João, haver recebido o habito na Ordem dos Conegos regrantes, visto que em 25 de novembro de 1605, data da

(1) Pedro de Mariz, “Ao estudioso da lição Poetica”, edição dos LUSIADAS publicada pelo licenciado Manuel Correa — Lisboa, 1613; Manuel de Faria e Sousa, na 1.^a “Vida del Poeta”, impressa em Madrid, 1639.

(2) E’ um pequeno “livro de memorias dos Irmaões defuntos”, de 104 folhas. Até fl. 95 menciona 229 obitos, abrangendo o periodo que vai de 20 de maio de 1539 até 6 de abril de 1616; de fl. 96 v. — 104 comprehende o espaço de tempo decorrido desde 15 de maio deste anno (n.º 230) até 24 de fevereiro de 1620, denunciando letras de diferentes punhos — o que não succede com as primeiras 96 fls. O auctor falleceu em 9 de outubro de 1616.

morte deste frade cruzio, este ainda não tinha chegado a completar "60 annos de habito".

Outra conclusão a impor-se é que o Conego Dom Bento de Camões, tendo recebido o habito de religioso em 1545 ou 1544, foi admittido na Ordem depois do triennio do Prior Geral-cancellario Dom Bento (de Almeida?) (1539-1542). Na alludida hypothese do visconde de Juromenha, perfilhada pelo sr. dr. Theophilo Braga, a esse tempo (1545 ou 1544) já o Poeta não residia em Coimbra, mas sim em Lisboa.

Não deixa todavia de ser defensavel a opinião do sr. Pedro de Azevedo ao dizer que Dom Bento de Camões e o auctor dos LUSIADAS teriam sido da mesma idade, como possivel seria igualmente que, "se este cursou na verdade as aulas de Santa Cruz, allí se encontraram como condiscipulos os dois primos."

O parentesco aqui estabelecido pelo sr. Azevedo resulta naturalmente do facto, consignado no precioso manuscripto de Dom Gabriel de Santa Maria, de Dom Bento de Camões haver tido "hum irmão muito privado do principe pay del Rey D. Sebastião que chamavão Simão Vaz de Camões", o qual — não devendo certamente ser o pai do Poeta (1) — outro não será realmente senão aquelle Fidalgo da Casa Real, "cavalleiro

(1) No assento da Casa da India, descoberto por Manuel de Faria e Sousa, e correspondentemente ao anno de 1550, figura Luis de Camões como filho de Simão Vaz, que foi seu fiador; o mesmo succede na carta de perdão, passada a 7 de março de 1553 (*Perdões e Legitimações de D. João 3.º*, Liv. 20.º, fl. 296 v.). Sómente no alvará de tença concedida a sua mãe em 5 de fevereiro de 1585 (*Doações de D. Filipe 1.º*, Liv. 11.º, fls. 132) é que o Poeta apparece como filho de Simão Vaz de Camões.

Com este ultimo nome é que o pai do auctor dos LUSIADAS é mencionado pelos linhagistas e biographos camoneanistas a partir do começo do seculo XVII.

cidadão,, de Coimbra e aí residente em 1552, violador do mosteiro das religiosas de Santa Anna de Coimbra, preso em Lisboa em 1553 por este facto, perdoado pela rainha regente em agosto de 1558, "novamente,, casado em 1562 (1), procurador do Collegio de S. Thomaz de Coimbra em 1563, novamente eleito para o lugar de almotacé da mesma cidade em 1567, assistente no Porto em 1570, accusado de haver mandado espancar o almotacé João Ayres em 1576, e filho do primeiro matrimonio de João Vaz de Camões (o de Villa Franca) com Catharina Pires, fallecida (ao que dizem) em 1508 (2).

(1) Varios genealogistas assignalam que Simão Vaz de Camões — a quem tambem confundem com o pai do Poeta — casara com D. Francisca Rebello (filha de Alvaro Cardoso, ou Alvaro Rebello Cardoso, segundo uns, ou de Lopo R. Cardoso, conforme outros), a qual teria depois casado 2.^a vez com o dr. Roque Pereira Tavares, filho de Antonia Tavares; ha, porém, quem julgue que neste ponto os auctores confundiram o nome de Simão Vaz de Camões com o de Simão de *Vasconcellos* (*Vide* "Diccionario de Educação,, de Campagne (1873), "Noites de Insomnia,, (1874) de Camillo, III, pags. 14 e segs., "Luis de Camões,, do mesmo auctor (1880) e a nota * de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos á pag. 178 da sua traducção da "Vida e obras de Luis de Camões,, pelo dr. W. Storck. Quanto a mim, o documento IV publicado por M. R. de Vasconcellos (1854) não nos deixa duvidas de que o dr. Roque Pereira Tavares casou com D. Francisca, viuva de Simão Vaz de Camões.

(2) Este João Vaz de Camões — cuja ascendencia ainda não me foi possivel determinar e cujo grau de parentesco com o bisavô do Poeta, tambem João Vaz de Camões, igualmente desconheço — teve por irmão a Pero Vaz de Camões, escudeiro do conde de Monsanto, que casou no Algarve com Brites Gomes e vivia em Lagos em 1530. Foi escolar em Direito, morador em Coimbra, á Porta Nova, onde vivia em 1502, Cavalleiro da Casa Real e falleceu cerca de 1550, tendo casado 2.^a vez com Branca Tavares, da qual teve uma filha, Isabel Tavares, que casou com Alvaro Pinto e vivia em 1552 em casa de sua tia materna Filipa Tavares.

Ao contrario do que se lê a pag. 177 do vol. "Camões — Epoca

A elle — que não ao pai do Poeta — dizem respeito os documentos publicados por Miguel Ribeiro de Vasconcellos (“Instituto” de Coimbra, 1854 — Vol. 3.º, pags. 170-172), visconde de Juromenha (“Obras de Luiz de Camões”, 1860 e 1866 — Vol. 1.º, pags. 165-166 e vol. 5.º, pags. 313-319) (1), o sr. dr. Theophilo Braga (“Historia de Camões”, 1873 — Vol. 1.º, pags. 58-60 e 417-418) e Brito Aranha (“Diccionario bibliographico”, 1886 — Vol. 14.º, pags. 18-21) (2).

Como quer que seja, o certo é que o chronista Dom Nicolau de Santa Maria — dando aos avós paternos do Poeta (Antão Vaz de Camões e sua mulher

e Vida”, pelo sr. dr. Theophilo Braga (Porto, 1907), o instituidor dum morgado em Alemquer não foi este João *Vaz* de Camões, mas sim João de Camões, irmão de Pedro Alvares de Camões, ambos filhos de Margarida de Camões e do dr. Alvaro Martins (ou Pires?, e netos de Constança Pires de Camões e de Pedro Severim. O instituidor de tal morgado foi pai de Rodrigo Alvares de Camões, capitão e feitor do navio que foi da India a Malaca por Choramandel, (*Doações de D. Sebastião*, Liv. 31, fl. 251 v.—20 de julho de 1573. — *Vide* Liv. 6.º, fl. 44, documento de 20 de setembro de 1559).

(1) *Cnf.* “Indices e Summarios dos Livros e Documentos mais antigos e importantes do Archivo da Camara Municipal de Coimbra” — Coimbra, 1867 — pags. 5, 58, 59 e 160.

(2) De nome Simão *Vaz* de Camões, só conheço (no seculo XVI) dois individuos: o pai de Luis de Camões e o almotaçé de Coimbra. Em minha opinião, este e o Simão Vaz de Camões dos documentos publicados por M. R. de Vasconcellos são uma mesma individualidade.

No mesmo seculo, porém, viveram dous outros individuos com o nome de Simão de Camões (sem *Vaz*), os quaes foram: um irmão de Antão Vaz e um filho de Duarte de Camões (filho daquelle). Com este mesmo nome de Simão de Camões houve no seculo seguinte um jesuita, poeta, que nasceu em 1631 e citado por Barbosa Machado, mas a quem o sr. dr. Theophilo Braga entendeu que podia chamar Simão *Vaz* de Camões (*Vide* Catalogo da Bibliotheca de Evora, volume 2.º, pag. 100).

D. Guiomar Vaz da Gama) um filho que não vem mencionado em nenhum dos biographos camoneanistas do seculo xvii, nem em nenhum dos genealogistas contemporaneos destes ou dos que se lhes seguiram (que eu saiba)—confundindo-o com o irmão do Simão Vaz de Camões apontado no final do manuscripto referido pelo sr. Pedro de Azevedo, e identificando-o com o Dom Bento (de Almeida?) que foi Prior Geral-cancelario e vem registado no principio do mesmo manuscripto — Dom Nicolau de Santa Maria é que creou esse apocripho Dom Bento de Camões biographado na sua Chronica publicada em 1668 e mais tarde integrado nas biographias de Luis de Camões, em que figura como tio paterno do Poeta, seu protector e mentor e como o mais influente e preponderante guia na educação por este recebida em Coimbra, e até como uma especie de inspirador de tudo quanto o auctor dos LUSIADAS fez de bom na Lusa-Athenas.

Por nos parecer de todo o cabimento e oportunidade, trasladaremos para aqui os dois trechos principaes do chronista Dom Nicolau de Santa Maria, relativos ao assumpto.

São estes:

“Acabada esta pratica procederão os eleitores á eleição de Prior Geral, & sahiu eleito o Padre Dom Bento *de Camões* em cinco de Maio do anno de 1539, & por Visitadores de Santa Cruz, o Padre Dom Constantino Conego de S. Vicente, & o Padre Dom Thomé Conego de Grijó; & o que he de notar, que nenhum dos eleitos estaua em aquelle Capitulo.

“*Foi o Padre Prior Geral Dom Bento natural de Coimbra, filho de Antonio Vaz de Camões, & de Dona Guiomar Vaz da Gama, & neto de João Vaz de Camões, que tem sua Capella em a Claustra da Sè da*

mesma Cidade de Coimbra, com hum tumulo leuantado de marmore, todo laurado de figuras de meio releuo, porque foi este Fidalgo pessoa notauel assi nas guerras de Africa, como na paz; foi Corregedor da Comarca de Coimbra, em tempo que não hauia mais que seis no Reino, & erão Fidalgos de capa, & espada, como ainda hoje se vsa em alguãs partes de Hespanha. *Teue o nosso Prior Dom Bento hum Irmão por nome Simão Vaz de Camões, que herdou a casa de seu Pay, & casou cõ D. Anna de Macedo, dos Macedos de Santarem, do qual houve ao famoso Poeta Luis de Camões, que não teue successão, & nelle feneceo este ramo do tronco dos Camões deste Reyno Vasco Pires de Camões, & feneceo à maneira de luz, que quando se apaga resplandece muito mais, como resplandeceo Luis de Camões, sobrinho do nosso Prior por Lettras, & por Armas.*„

O manuscripto de Dom Gabriel de Santa Maria, mandado archivar na Torre do Tombo, referindo-se ao Prior Dom Bento (de Almeida?), diz apenas o seguinte (il. 6 v.-7):

“Anno 1547 — Neste anno falecerão 3 religiosos, ss. dom Bento, fr. Baltazar, e dom Bernardo. Leuou o Senhor o 2 de Janeiro o padre dom Bento sacerdote (que tambem foi na vida) muito perfeito em todas as uirtudes e sanctidade, e por assi ser foi eleito depois da separação do moesteiro em geral, e foi o primeiro geral eleito canonicamente. Este bemaventurado religioso teue 7 irmãos, e todos por seus merecimentos forão tambem como outro S. Bernardo, e soo hum que lhe ficou na uontade mais que todos, porque sempre choraria não o ser; os mais forão da ordem do padre S. francisco; a hum delles chamavão fr. christovão de Abrantes, foi cumissario em este Reino, posto por o Cardeal infante

dom Henrique legado a latere; costumaua este padre andar passeando e rezando em a capella mor ante a sepultura delRei dom Affonso henriques todos os dias das 4 ate as 5 da tarde onde lhe appareco huma uez o dito sancto Rei.»

Deve registrar-se que o auctor da "Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho", ao passo que teve a phantasia de nos dar o Prior Dom Bento como filho de Antão Vaz de Camões, não faz a menor referencia a nenhum dos 7 irmãos que este mesmo manuscripto attribue ao Prior Geral-cancellario, um dos quaes diz ter sido Fr. Christovam de Abrantes — ou Fr. Christovam de Almeida, conforme lhe chamam o padre Fr. João de S.^{to} Antonio ("Bibliotheca Universa Franciscana", Tom. 1.^o, 1732; pag. 260) e Nicolau Antonio ("Bibliotheca Hispana Nova", edição de 1783; Tomo 1.^o, pag. 236). Ao occupar-se de Fr. Christovam de Abrantes e reportando-se ao que escreveu Fr. João de S.^{to} Antonio, o auctor da "Bibliotheca Lusitana" diz que elle mudou o appellido Almeida "pelo da sua Patria na Provincia da Piedade, onde ha costume deixar os do seculo e intitular-se com os das terras que lhes derão o berço" (1).

Se o appellido Almeida era, de facto, o de Fr. Christovam de Abrantes quando ainda não havia tomado o habito de religioso da Ordem de S. Francisco, nada mais natural do que attribuir-se a seu irmão Dom Bento, Prior Geral-cancellario na Ordem dos Cruzios, esse mesmo appellido Almeida.

Para notar é tambem que Dom Nicolau de Santa

(1) Fr. Christovam de Abrantes teve uma irmã que foi abbadessa do mosteiro da Madre de Deus, de Lisboa, segundo referem o P.^e Jorge Cardoso e Fr. Manuel de Monforte.

Maria se serviu dos papeis e memorias de Dom Gabriel de Santa Maria, auctor do precioso manuscripto manuseado e explorado pelo sr. Pedro de Azevedo (1).

Convém ainda advertir que, ao contrario do que mais de uma vez insinúa o sr. dr. Theophilo Braga, o licenciado Jorge Cardoso (“Agiologio Lusitano”, pags. 32 e 41 do Tomo I; Lisboa, 1652) — tambem aproveitado pelo chronista Dom Nicolau de Santa Maria quando se refere ao dia da morte do Prior Geral (2) — não fala de nenhum Dom Bento *de Camões*, mas simplesmente de “D. Bento”.

JORDÃO DE FEITAS

(1) Tratando de Dom Gabriel, diz Barbosa Machado que elle foi “grande investigador das antiguidades, e privilegios da sua Ordem Canonica”, e accrescenta: “deixando escrito *Memorias Historicas do Convento de Santa Cruz*. Dellas se aproveitou muito o Chronista da mesma Congregação D. Nicolao de Santa Maria como escreve no Prologo da *Chron. dos Coneg. Regrantes.*”

(2) Neste ponto, o padre Jorge Cardoso e Dom Nicolau de Santa Maria — fixando a data do fallecimento no dia 4, em vez do dia 2 — apartam-se não só do que refere o manuscripto de Dom Gabriel de Santa Maria, senão tambem do que se lê num Obituario que Juromenha (Tomo I, pag. 488) encontrou no “Diario Historico” de Dom Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte, onde, segundo o mesmo camoneanista, se regista o seguinte: “Quarto nonas Januarii obiit Benedictus, Presbiter S. Crucis, qui fuit primus Generalis nostrae Congregationis.”

Nos mezes de *janeiro*, fevereiro, abril, junho, agosto, setembro, novembro e dezembro o “quarto nonas” corresponde ao dia 2; nos mezes de março, maio, julho e outubro é que corresponde ao dia 4.

Comunicação do erudito academico Sr. Pedro de Azevedo

“O sr. Pedro de Azevedo diz que em 1668 Fr. Nicolau de Santa Maria, a pg. 290 do tomo 2.º da Crónica dos Conegos de S. Agostinho afirmou que o prior de S. Cruz D. Bento, falecido em 4 de janeiro de 1547, era filho de Antonio Vaz de Camões e irmão de Simão Vaz de Camões, pai de Luiz de Camões, o considerado poeta. Apesar de Fr. Nicolau não ser fidedigno nos seus escritos, Juromenha, o sr. Teofilo Braga e até o erudito alemão Storck, autor de uma notavel obra a respeito de Camões, aceitaram o parentesco do cruzio com o poeta e fizeram o pretendido tio protector dele. Todavia um ms. de que é autor D. Gabriel de S. Maria e de que dá conta Barbosa Machado, ao falar do prior D. Bento refere pormenores e apelidos que não concordam com o que está legitimamente assente, como o comunicante disse em sessão da 2.ª classe de 24 de outubro de 1912 (1).

(1). Eis o que se lê no “Boletim de Segunda Classe”, da Academia de Sciencias de Lisboa, Vol. VII (1912-1913), pag. 2, no extracto da sessão de 24 de outubro de 1912:

“O sr. *Pedro de Azevedo* dá conta á Academia do resultado das suas buscas no cartorio de Santa Cruz, que deram em resultado a descoberta de um tio de Luís de Camões que foi provincial da or-

Tratando-se agora de publicar o referido manuscrito, foi encontrado com surpresa ao tratar-se do ano de 1605 o seguinte assento: "Em 25 de novembro dia de S. Catarina ás 11 da noute levou o Senhor ao padre D. Bento sacerdote professo deste mosteiro de S. Cruz e pouco lhe faltava para ter 60 anos de habito, faleceu de velho com todos os sacramentos e mais bons usos da Religião. Era natural desta cidade de Coimbra, da mais honrada gente della e teve hum irmão muito privado do principe pay del Rei D. Sebastião que chamavam Simão Vaz de Camões„.

Vê-se agora facilmente o engano de Fr. Nicolau de S. Maria metendo o prior D. Bento, homem notavel em todos os sentidos, na familia dos Camões, levado pela homonimia com o modesto conego, apenas notavel por ser irmão de um privado do principe, pai de D. Sebastião. Simão Vaz de Camões, como ele se chamava, foi de viver dissoluto e era parente afastado do poeta, usando tambem do nome do pai deste. Quanto ao conego deve ter tido a mesma idade de Luiz de Camões e se este cursou na verdade as aulas de Santa Cruz ali se encontraram como condiscipulos os dois primos. Esta noticia

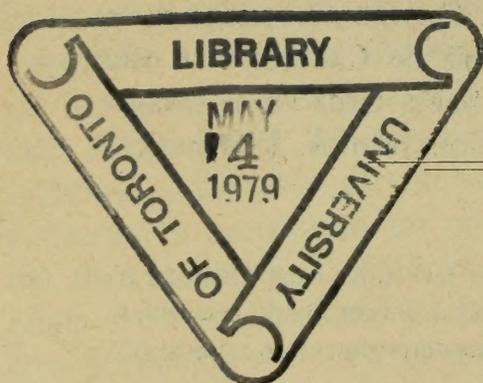
dem de S. Francisco. Este franciscano teve uma irmã abadessa da Madre de Deus, em Lisboa. Estes achados devem, sendo convenientemente estudados, fazer modificar consideravelmente o critério por que tem sido encarado o grande épico..

Suggestionado por esta communicação, pela leitura do assentamento de obito do Prior Geral-cancellario e pela recordação do que eu lera na Chronica dos Conegos regrantes, cheguei a preparar e a annunciar a publicação dum opusculo com o titulo *O Padre D. Bento de Camões e seus 7 irmãos (Fr. Christovam d'Abrantes, uma das abadessas do mosteiro da Madre de Deus, etc)*.

A nova descoberta, constante da communicação academica feita posteriormente (12 de janeiro ultimo) veiu, pois, ainda muito a tempo — felizmente.

que se encontra no manuscrito ainda inedito de D. Gabriel vai obrigar os futuros biografos de Luiz de Camões a procederem ao fatigante trabalho de remodelar em novas e ainda assim instaveis bases a descrição da mocidade do grande poeta. O ms. citado encontra-se entre os papeis de S. Cruz de Coimbra, arrecadados na Biblioteca Nacional de Lisboa e remetidos para o Arquivo Nacional pela inspecção destes estabelecimentos.»

(Do extracto da sessão da Segunda Classe da Academia de Sciencias de Lisboa, realisada em 11 janeiro de 1917, conforme o «Diario de Noticias» do dia seguinte, n.º 18:384).



ACABADO DE IMPRIMIR AOS
7 DE JUNHO DE 1917, NA
TYPOGRAPHIA DA "SOCIEDADE
DE TYPOGRAPHICA EDITORA".
R. D'ALEGRIA, 100 — LISBOA.

**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

01-860-660



UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 04 22 14 039 4